

a decadência da cultura

por N. GUTERMAN
e H. LEFEBVRE

No fim do século XIX, quando acabava a economia de livre-concorrência, assistiu-se a uma primeira vaga de pessimismo ante o conhecimento e de derrotismo do pensamento. As palavras «falência da ciência» foram pronunciadas por Brunetière; compreendeu-se então que «a ciência» não resolvia todos os problemas, mas que os punha. Em vez de avançar e acometer estes novos problemas, os «pensadores» preferiram renunciar. Insauraram desde então o culto do «interior», a desconfiança contra a acção e a inteligência, a cisão entre a inteligência e o real (Bergson). O *élan* estava quebrado.—O pensamento oficial sentia a sua falência; daí pretendia deduzir a falência terrestre do pensamento, o regresso ao Eterno e aos Nômenos. De facto, renunciava a continuar a história e a acção.

Desde então falou-se duma «crise do espírito» (Paul Valéry); e isto significava: crise do optimismo intelectual conformista; ruína e temores, tédio tanto diante do interior puro como da eficiência prática. Procura duma fuga e duma «expatriação». Falsas aparências de soluções «espirituais».

Hoje a «crise do espírito» tornou-se crise de toda a cultura conformista.

Certamente as formas desta cultura mostram a mesma agitação arrebatada, a mesma vontade exasperada de subsistir que as formas económicas e sociais. Com todos os recursos verbais, clamam o seu vigor—e pedem-nos para as acreditarmos sob palavra. Mas as últimas grandes obras de arte que produz (cf. Proust, Joyce, Lawrence, etc.) não são grandes senão pela sua visão, nem sempre lúcida, da decadência.

E' no meio duma intelectualidade aperfeiçoada que se afunda intelectualmente esta civilização. Uma cerebralidade hipertensa fornece o cenário e a ilusão. Mas qual é o conteúdo? Que desejos emocionam ainda a *intelligentsia*? Quere ela realmente uma apreensão do real? A *intelligentsia* burguesa, a inteligência isolada no decurso do *processus* de especialização, não quere sair da «torre de marfim», não se humilha perante o real. Não se comove senão com o que a lisonjeia. Preocupa-se com ser brilhante, excitante, erudita nos melhores casos. Defende os seus prestígios, dobra-se sobre si, abstracta ou misticamente, em declamação ou com um ar «completamente natural». A sua virtuosidade formal

tornou-se prodigiosa. Mas onde está o seu assunto? Irá exceder o privilégio da sua especialização, o culto do escol e este auto-erotismo que é a sua perda? Ser-lhe-ia necessário deixar de ser conformista! Certos intelectuais ultrapassam a *intelligentsia*. Muitos talvez aí chegarão. Mas a *intelligentsia* conformista, como casta, como especialidade privilegiada, procura ainda extrair de si própria o seu assunto, afirmar-se interiorizando-se o mais possível; sob a máscara do Espírito, como antes sob a da Beleza, continua a adoração impura de si própria. Consegue ainda abster-se do real e encontrar nas maravilhas da técnica verbal ou psicológica uma derivante para a sua acuidade inútil. Mas podemos tirar de nós próprios um conteúdo? Uma forma pode tornar-se assunto por si própria? Não. O pensamento, queira-se ou não, é conhecimento, portanto não pode abster-se de relações com objectos exteriores, com uma *praxis*. A *intelligentsia* hipertrofiada no seu funcionamento vazio é enfim levada a desesperar-se. Encontra na sua negação um último alimento ou um último pretexto. Em que se transforma? Transforma-se em erotismo e sadismo, masturbação «espiritual», misticismo onânico do Espírito, Narcisismo. Auto-destruição.—Ainda o voraz demónio, sobretudo quando se chama «Espírito puro»...

O profundo paradoxo dialéctico desta inteligência, o drama que representa há perto de meio século sem o compreender, ei-lo aqui pois; o pensamento aperfeiçoado mas inquieto, lasso, sem assunto real, torna-se uma apologeta requintada da ausência de pensamento. A lucidez suicida-se—ou procura suicidar-se; e não pode, irrita-se, altera-se na vertigem.

Naturalmente a ausência de pensamento, esta comédia que é ainda um pensamento, apresenta-se como uma grande descoberta. Encontraram-se—enfim!—métodos novos de conhecimento: a intuição, o imediato. Opõem-se às exigências abstractas do pensamento «racional» constatações decisivas: sociais, políticas, psicológicas, fenomenológicas «Compreendeu-se» a falência da razão e a necessidade de regresso às atitudes místicas, forças latentes

e obscuras (raça, solo, fé, entusiasmo, entusiasmo pelo entusiasmo, acção pela acção!). O Santo, o Herói, o Chefe foram descobertos de novo e o seu «valor» supremo foi enfim restaurado em relação ao Lúcido, ao Crítico, ao Sábio. Diante destes valores ou destes factos é necessário inclinar-se e adorar,—e renunciar à investigação como à análise. A atitude crítica é um sacrilégio e até uma incompreensão!

Os traços característicos desta decadência são o abandono da verdade, o abandono da lucidez e da razão. O irracional é aclamado; a «vida» ardente e indeterminada é o primeiro dos «valores» e, com ela, a emoção, a submissão. «Deem-nos valores de guerra», gritam Goebbels, Von Papen e o Sr. Montherlant. Procura-se mostrar que por toda a parte e sempre o irracional esteve no centro dos actos humanos (e até dos actos económicos, cf. Aron Daudieu, *a Revolução necessária*).

O irracional obscuro, inexprimível, pede primeiro o holocausto da necessidade de verificação e clareza. Se em Nietzsche e em Bergson se encontra uma glorificação ou uma certa reabilitação da inteligência, Spengler não tem mais do que um fim muito preciso: a destruição da Razão. Oposições e contradições, discussões estéreis, divisões, internacionalismo abstracto, mecanização das massas e isolamento dos indivíduos, abstracção, instrumento vazio de que se servem os sofistas, os divagadores demagógicos, promessas vãs, destruição do homem, do seu ligamento ao sangue, ao solo, às suas raízes longínquas, todas estas aberrações formam a essência da Razão, parece. Esta estátua severa e fria está carregada de todos os crimes: vê-se nela uma grande causa «espiritual»: uma causa de infâmia. A sua certeza é agora substituída pela pesquisa e certeza «interiores» ou «pragmáticas». Sob pretexto de ressurreição do Espírito os últimos metafísicos juntam-se aos políticos inimigos do liberalismo para analisar as deficiências da Razão e concluir pela sua morte.

Assim apela-se para o coração contra a cabeça, para o obscuro contra o claro, para o indeterminado contra o abstracto. Erigiram-se em ins-

tâncias supremas: o particular contra o universal, o facto consumado contra a verdade, o ideal místico contra o possível exacto. Os mesmos temas aparecem em todos os países: néo-espiritualismo, néo-qualquer coisa. Néo-ciência, ciência «ariana» dos hitlerianos!

Através destes brados perdidos, a cultura oficial desfaz-se, o esforço para apreender o real e exprimi-lo por idéas verdadeiras e eficientes está ameaçado na essência. A regressão torna-se vontade de regressão, volta atrás sistemática e caricaturalmente «planificada».

«Uma concepção do mundo (Weltauschauung) não precisa de conhecimento», proclama oficialmente Goebbels, ministro da Instrução Pública. E' também conhecida a famosa afirmação dum nazi: «Quando ouço falar de cultura, tiro o revólver...» Que significa tal frase? Os totalitarismos não têm mais necessidade de verdade que as democracias em desagregação. Que lhes é preciso? Factos consumados (o «facto nação») e colocar as pessoas ante estes factos consumados, por surpresa, persuasão ou violência; e depois sentimentos, orgias, sentimentos obstinados e sem contornos, com particularidades locais, espírito francês ou germânico, toucas bretãs e danças arianas. A obscuridade carregada duma emoção estranha e contagiosa, explorando todas as decepções do pensamento, recalcamentos e complexas sobrevivências, vale bem mais para eles que a vontade de lucidez. Um vago profetismo substituiu a análise. No grande dualismo, inerente à cultura oficial, da acção e do pensamento, a «energia» cómica e bárbara do jovem exaltado vence-a facilmente com a vã clarividência do *diletante* e do humanismo liberal.

Teremos ocasião de demonstrar que os liberais não o roubaram. «Ciência francesa» era um preságio vantajoso de «ciência arianas». O mau relativismo («tudo é relativo, há verdade em toda a parte», etc.) estava tam cheio de saúde de todos os absolutos e tam prejudicialmente conciliador que devia fatalmente conduzir a encontrar um absoluto no absurdo.

Mas a responsabilidade do liberalismo democrático e as insuficiências, os medos do racionalismo que permitiram o aparecimento dum «pensamento» *pretensamente renovado* não são o que importa

(Continua na página imediata)